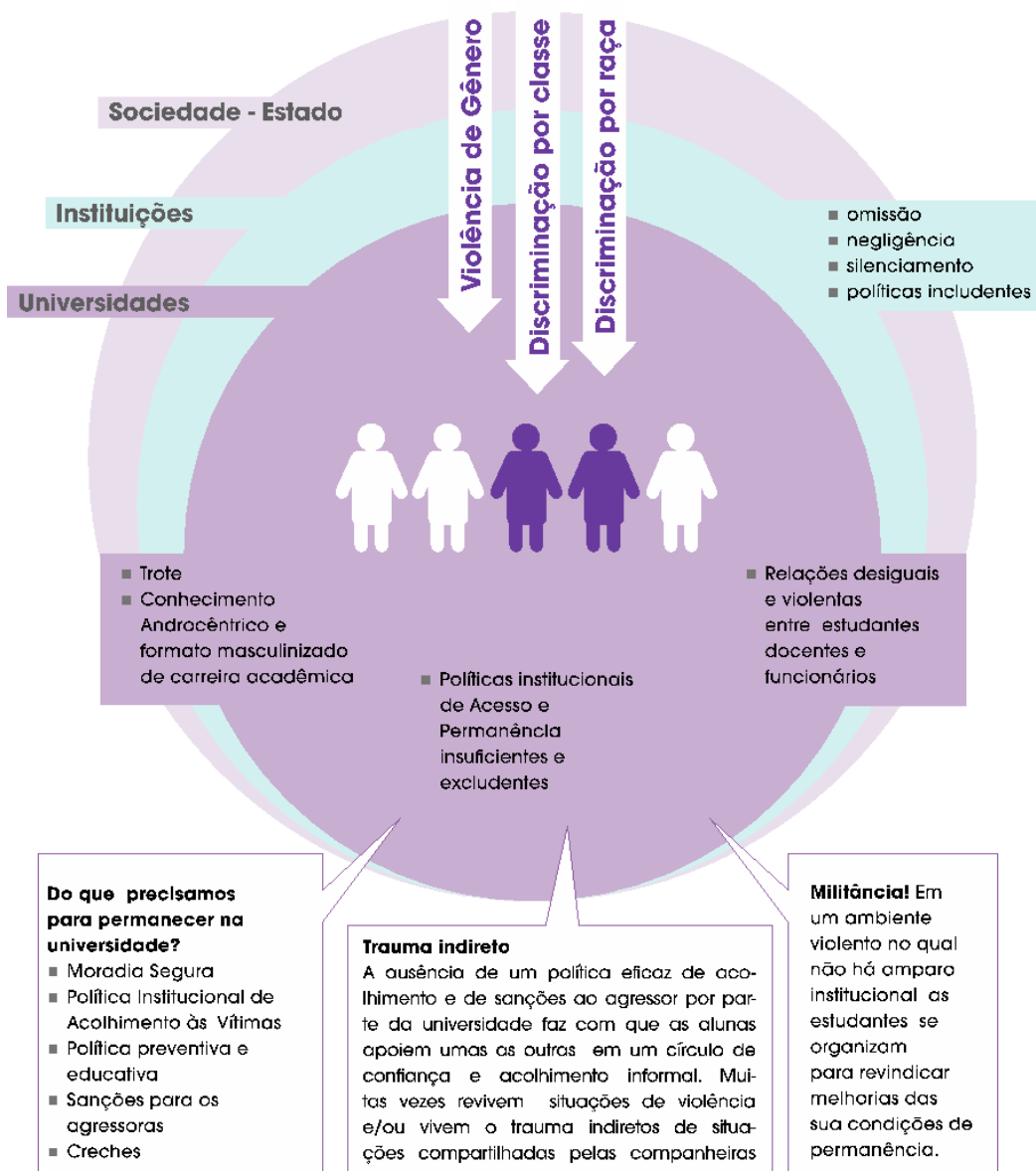


# Opinião ObservatóriaDCM

## Impacto da Violência Estrutural nas Estudantes

### Impacto da Violência Estrutural nas Estudantes



Com base nas pesquisas do Observatóri@ e no trabalho de escuta realizado pela advogada Mariana Fideles junto às moradoras do CRUSP identificamos que a omissão e negligência das instituições de ensino superior diante da violência de gênero vivida cotidianamente pelas estudantes caracterizam **violência institucional de gênero**.

As poucas ações institucionais de enfrentamento no Brasil consistem na proibição ou regulação dos trotes que tratam a violência de maneira “genérica”, reforçando o não reconhecimento e invisibilização sistemática do problema. Para avançar em efetividade as políticas de permanência, as instituições devem reconhecer a violência de gênero como problema e assim pensar estratégias que promovam uma vivência universitária igualitária para todos em todos os seus aspectos. Um problema invisível dificilmente será capaz de mobilizar a comunidade universitária e a sociedade em torno de uma resposta institucional.

Ao negar o conjunto de condições necessárias à permanência através de sua conduta omissiva as instituições revitimizam as mulheres em situação de violência das mais diversas formas silenciando-as e permitindo com que sua permanência na universidade esteja permeada pela violência de gênero. Essa “permissividade” é denunciada constantemente em universidades públicas e privadas no Brasil. No caso do CRUSP, a autarquia do Estado (USP) descumpra sua função social ao omitir-se diante da situação vivida pelas estudantes.

A pesquisa também mostrou que a violência institucional atinge com mais intensidade as estudantes negras e indígenas e estudantes de situação socioeconômica mais vulnerável, que são os grupos historicamente excluídos das universidades e que mais dependem de políticas de permanência. Ao negar as necessidades específicas de permanência desses grupos fica mais evidente o elitismo e a marcação das diferenças sociais nas universidades apontados por Bourdieu e Passeron (1975). Os dados sobre conclusão do ensino superior no Brasil, em São Paulo e na USP, quando analisados por sexo e raça apontam as desigualdades entre mulheres brancas e negras e indígenas. Além disso se é verificável a desigualdade entre docentes homens e mulheres, é ainda mais latente a pouca presença de docentes negras nas universidades, o que reforça a exclusão sistemática desse grupo do ambiente universitário.

Um aspecto pouco destacado desse contexto é o impacto que a violência institucional tem nas estudantes no que se refere ao trauma indireto. Diante do abandono e da falta de acolhimento por parte das instituições as alunas encontram amparo umas nas outras. Assim, a vivência e permanência nas universidades também pode ser experiência assistencial entre as mulheres, não por vocação ou escolha, mas forçada pelas condições nas quais se encontram. O trauma indireto também pode ser causado através do silenciamento constante das demandas das alunas que se veem impotentes para transformar essa realidade. A partilha dos casos pode fazer com que as estudantes revisitem seus próprios traumas através da experiência de outra ou que aumente sua sensação de invisibilidade e insegurança tornando sua permanência insuportável.

Grupos e coletivos pra reivindicar melhorias nas condições de permanência também tem impacto na vivência das estudantes. Assistir companheiras em situação de violência e estar presentes nos espaços de militância gera desgaste físico e emocional. Viver em um ambiente inseguro e potencialmente violento já é desgastante, mas lutar cotidianamente pela ocupação dos espaços políticos para reivindicar melhorias à instituição e para mobilizar a comunidade universitária agrava a situação já que o ato de militar evidencia constantemente a disparidade de poderes entre as estudantes e as instituições. É comum as alunas militantes se verem expostas a discriminação por causa de sua atuação política. O desgaste físico e emocional associado à discriminação pelo fato de serem militantes pode criar uma situação insustentável causando o abandono da universidade, desenvolvimento de transtornos psíquicos e até levar ao suicídio.

Destacamos que, no contexto da (ainda que parca) ampliação do acesso às universidades brasileiras, as decorrências destas opressões são ainda mais sensíveis às mulheres negras, indígenas e pobres, que em sua grande maioria são as primeiras de suas famílias a viver a experiência universitária e romper um ciclo de exclusão, sendo essas frustrações verdadeira demonstração da reprodução das elites através dos marcadores sociais dentro do ambiente universitário. ●

## **E A UNIVERSIDADE?**

**Por Stephanie ribeiro,  
para Blogueiras Negras**

<http://blogueirasnegras.org/2014/09/09/e-a-universidade/>

“Existe um mundo que se quer perfeito baseado em privilegiado, uma verdadeira bolha branca e racista, que foi um incômodo TÃO GRANDE apontar suas fissuras que reafirmo Universidades são Opressoras e alguns universitários assustam com seus pensamentos e comportamentos conservador, racista e elitista Pode ter a roupa descolada e dread no cabelo, mas sem consciência nenhuma sobre racismo e machismo, que pode supor racismo com brancos e preconceito com elites e não entender que outra realidade existe e pra ela ser quebrada não adianta falar que o negro é vitimista ou dizer que cotas são injustas, racistas e preconceituosas.”

Veja também:

[PRECONCEITO NA UNIVERSIDADE](#) Julia Jolie entrevista Stephanie Ribeiro  
<https://www.youtube.com/watch?v=OvYns0Yq-4Y>

Sem o trabalho de organização e acolhimento realizado pelas estudantes os poucos avanços na problematização das questões de gênero nas universidades e a pouca visibilidade para o tema alcançada não teriam sido alcançadas. A ocupação do CRUSP, da reitoria da Universidade Federal do Goiás - entre outras mobilizações - forçaram uma resposta institucional, mesmo muito aquém do necessário.

Verificamos também que as universidades fora do Brasil onde existem protocolos de enfrentamento concisos, com fluxo de atendimento e metodologias de acolhimento pré-estabelecidas tampouco garantiu que os casos de violência de gênero fossem erradicados. Nos Estados Unidos mais de 80 universidades estão sob investigação federal, 11 somente no estado de Nova York por infringirem o previsto pelo Title XI, de 1972 que obriga as universidades que recebem recursos federais a garantirem a não discriminação por razão de raça, religião, classe ou gênero no âmbito universitário. O title XI vem sendo utilizado por grupos organizados em todo o país para pressionarem as autoridades a investigarem e sancionarem as universidades por omissão em casos de estupro e violência física. Em todo país as estudantes denunciam que são negligenciadas e aconselhadas a não prestarem denúncias. Em 2015 a Casa Branca lançou uma campanha nacional (It's on us) para prevenção e conscientização sobre a violência de sexual nos campi.

## ACESSE

Como Estupros nas Universidades dos EUA se Tornaram um Escândalo

[https://www.vice.com/pt\\_br/article/mgq57n/como-estupros-nas-universidades-dos-eua-se-tornaram-um-escandalo](https://www.vice.com/pt_br/article/mgq57n/como-estupros-nas-universidades-dos-eua-se-tornaram-um-escandalo)

nos EUA mais de 80 universidades estão sendo investigadas por ignorar estupros

[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141118\\_estupros\\_universidades\\_eua\\_ac](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141118_estupros_universidades_eua_ac)

## DIANTE DESSE QUADRO, O QUE FAZER?

### 1

Identifique a forma na qual a violência de gênero se expressa contra você. Lembrando que a violência contra a mulher não é só a violência física e sexual, ela pode ocorrer de forma sutis. Também é violência a constrição psicológica (humilhações, ridicularizações, ameaças, vigilância constante, perseguição, chantagens e controle da vida social), moral (xingamentos, calúnias e difamações, ex: chamar de louca, vadia, ou desqualificação intelectual) e patrimonial (quebrar e subtrair bens, estragar fotos e objetos pessoais).

### 2

Compartilhe sua situação com alguém de sua confiança. Compartilhar seu caso publicamente é uma decisão sua. Se sua escolha for por torná-lo público, procure os coletivos de mulheres da sua universidade que podem proporcionar apoio para o enfrentamento das possíveis reações à denúncia pública;

### 3

Informe-se sobre o procedimento administrativo determinado para a condução dos casos de violência de gênero na sua instituição de ensino. Verifique os departamentos, profissionais e prazos para acolhimento e encaminhamento da sua denúncia;

### 4

Denunciar o agressor também é uma escolha sua. A denúncia pode ter efeito político na medida em que quanto mais casos denunciados, a instituição fica mais pressionada a tomar providências, além de aumentarem as chances de que o agressor seja impedido de seguir cometendo ações violentas contra outras estudantes. Mesmo assim lembre-se: denunciar é uma escolha sua;

## 5

Se optar por realizar a denúncia na instituição exija uma cópia do protocolo de atendimento e acolhimento da sua denúncia e guarde uma cópia;

## 6

Organizar provas dos atos de violência (mensagens, gravações, testemunhas, fotos, laudos médicos, e-mails...). Se possível faça cópias

## 7

Esteja atenta sobre o impacto que a violência teve/tem em você e não hesite em buscar assistência médica ou psicológica; O apoio das companheiras, mesmo que bem intencionado muitas vezes não é suficiente e não corresponde a um atendimento profissional.

## 8

ORGANIZE-SE! PARTICIPE! Esteja atenta aos movimentos e organizações de mulheres na sua universidade que denunciam a violência de gênero e reivindicam melhores condições de permanência para as mulheres! APOIE!

### ASSISTA!

HUNTING GROUND

Documentário sobre os inúmeros casos de estupro nos campus universitários americanos, explorando os problemas com as administrações dessas instituições, que se preocupam mais encobrir os fatos do que resolvê-los. Com depoimentos de vítimas, um retrato de como as pessoas que sofrem esse tipo de violência lutam por justiça e educação, apesar da frequente retaliação e assédio com as quais são obrigadas a conviver.

LINK PARA O DOCUMENTÁRIO LEGENDADO <https://www.youtube.com/watch?v=GBNHGi36nIM&t=13s>